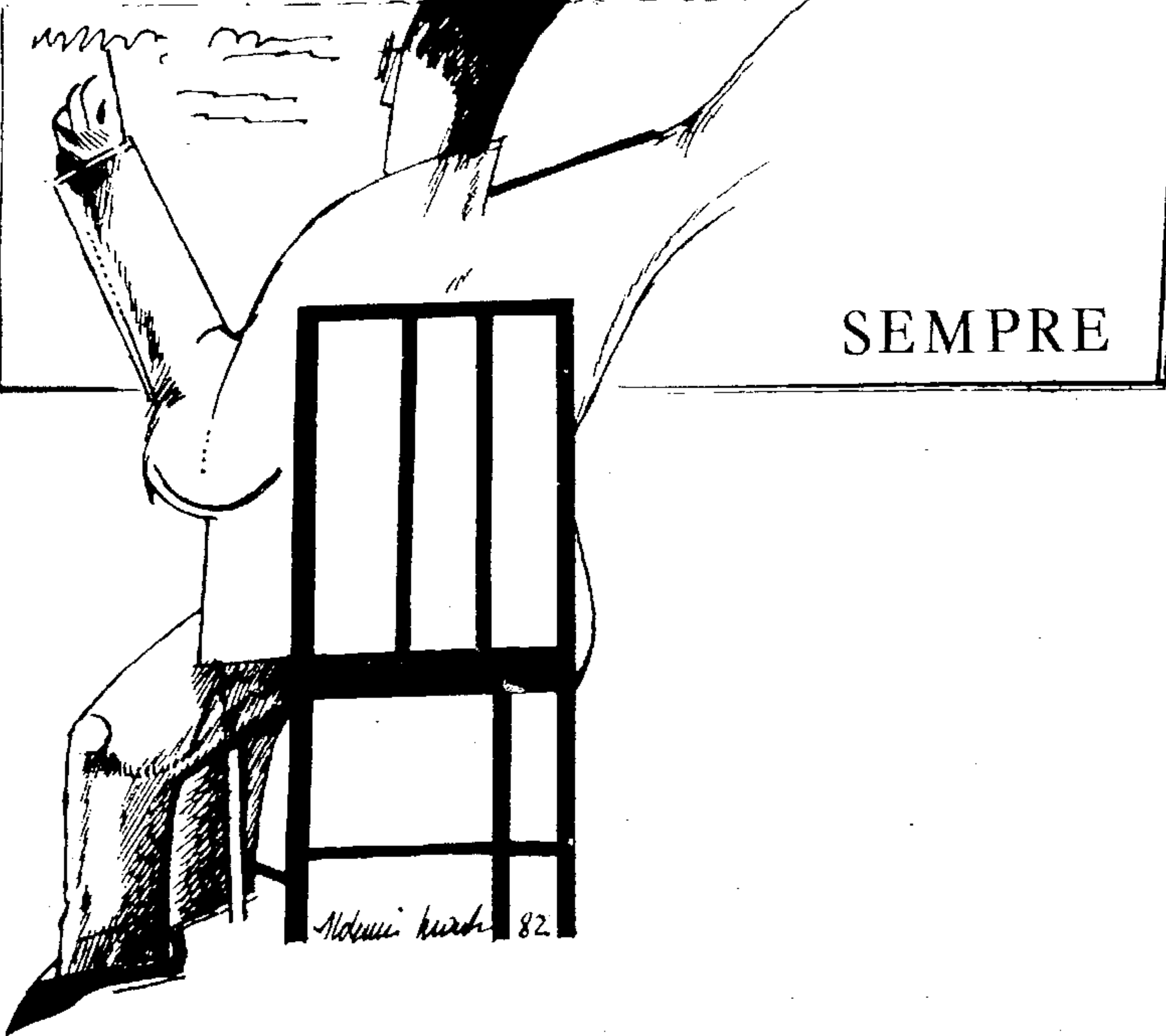


POZZOLI . CLOTH MEANS POZZOLI . DRAP C'EST POZZOLI
E' POZZOLI . CI
POZZOLI . DRAP C'ES
 POZZOLI . CLOTH MEANS POZZOLI
 POZZOLI . CLOTH MEANS POZZOLI . DRA
 POZZOLI . DRAP C'EST POZZOLI . IL PANNINO E POZZOLI . CLOTH MEANS POZZOLI . DRAP C'ES
 POZZOLI . CLOTH MEANS POZZOLI . DRAP C'EST POZZOLI
 DRAP C'EST POZZOLI . IL PANNINO E POZZOLI . CLOTH MEANS POZZOLI . DRAP C'EST POZZOLI . IL PANNINO E POZZOLI
 EANS POZZOLI . DRAP C'EST POZZOLI . IL PANNINO E POZZOLI . CLOTH MEANS POZZOLI
 POZZOLI . CLOTH MEANS POZZOLI . DRAP C'EST POZZOLI



A ARTE DE ESCREVER

Escrever não se ensina. Quem quiser aprender a escrever terá que fazê-lo sempre e sempre. Por isso mesmo, o estudo de Geraldo Pinto Rodrigues não tem essa pretensão, mas apenas realiza uma reflexão acerca dessa difícil arte. Perfilhando bons especialistas, adverte: importa exercitar constantemente.

Geraldo Pinto Rodrigues

Existe uma arte de escrever? Sim, existe, desde que nos lembremos, ao mesmo tempo, que toda arte implica uma técnica. Portanto, e por primeiro, entenda-se que escrever, se é uma arte, depende fundamentalmente do conhecimento artesanal dos meios de expressão: a técnica.

A língua escrita — ou linguagem, se preferirem —, que não é e nem pode ser a mera língua falada (esta livre, aquela codificada e até legislada) tem níveis de gradação, que se observam em razão dos seus usos diferenciados. Níveis que partem da chamada linguagem referencial (o texto em geral informativo) e vão até a linguagem literária, de exigência estilística mais rigorosa. Feito este intróito, podem ser em seguida consideradas algumas normas — ou conselhos básicos — que servem, genericamente, aos que se dispõem a uma redação.

Num compêndio antigo e, de certo modo, pioneiro no Brasil (**A Arte de Escrever**, Edição Saraiva,

várias edições), Silveira Bueno lembra que, antes de começarmos a escrever, é imprescindível traçar um plano, que consiste em: 1) escolher o assunto; 2) reunir o material necessário; 3) dar-lhes a melhor disposição possível. A seu ver, as qualidades principais desse plano hão de ser: 1) **unidade** (as partes do texto têm que se completar entre si); 2) **coerência** (não deve haver contradição entre as partes); 3) **ênfase** (todos os tópicos se completarão de tal forma que um aumentará o realce do seguinte e todos concorrerão para o efeito final). Tudo tendo em vista que, na comunicação de idéias, o primeiro passo é fixá-las com nitidez no pensamento, descobri-lhes depois todos os recursos para a expressão e, por fim, apurá-las "até que nos pareçam verdadeira entidade orgânica".

Em última análise, que é uma "redação"? Ensina Massaud Moisés (**Guia Prático de Redação**, Edit. Cultrix): "constitui um sistema de palavras escritas

através das quais exprimimos nosso pensamento, nossas emoções, nossos sentimentos, etc.". Ora, a elaboração de um "discurso" (entendido, aqui, no sentido de texto, qualquer texto) deve obedecer, como já vimos, a um mínimo de disciplina e de bom gosto, porque um texto é um articulado de "signos", que se estruturam na "palavra". O conjunto desses signos forma a língua, de utilização oral ou escrita. Se assim é, deve o discurso (narração, descrição, dissertação, diálogo, etc.) pautar-se por normas mínimas, algumas já anteriormente indicadas. Um plano eficaz de trabalho escrito, segundo recomendam os autores, deve conter três partes: **introdução** (a proposição inicial do tema), **desenvolvimento** (o desdobramento e a demonstração do tema proposto) e **conclusão** (o desfecho do que se propôs explicar ou demonstrar). As três qualidades principais de um texto, assinaladas por Silveira Bueno, outras podem ser

acrescentadas, como o fazem Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (**Técnica de Redação**, Liv. Francisco Alves Edit.), que arrolam dez requisitos, a saber: clareza, concisão, densidade, simplicidade, exatidão, precisão, naturalidade, variedade, ritmo, brevidade.

Claro que tais requisitos são úteis, mas é bem de ver que alguns deles já se contêm em outros, como a brevidade, por exemplo, que equivale à concisão e à densidade do texto. No que se refere ao discurso meramente informativo, suas regras básicas poderiam ser resumidas a três: **simplicidade, brevidade, objetividade**. É o que se indica, v.g., para o texto jornalístico, ficando o seu aperfeiçoamento para aquilo que é subjetivo e depende de cada autor, como consequência de seu bom gosto e de seus recursos estilísticos.

Relativamente aos meios de expressão, apontam-se três: **lexical, o fraseológico e o gráfico** (in Sodré e Ferrari, ob. cit.). Vamos atentar para os dois primeiros, porque o terceiro diz respeito, mais especificamente, à comunicação jornalística: trata da disposição tipográfica do texto, subdividido, para maior clareza e facilidade do leitor, em títulos, subtítulos, nomes sublinhados, tipos diferentes, etc.

O meio lexical tem a ver com a identificação e utilização dos vocábulos e das expressões mais adequados, com esta recomendação: "as palavras só valem pelo contexto em que se inserem, mesmo num discurso que tenda para a denotação". Situamo-nos aqui, portanto, em pleno domínio da palavra e do vocabulário, que constituem o fulcro da "arte de escrever".

Se os níveis da linguagem (a gradação natural decorrente do seu uso) são diferenciados, há que haver, para a comunicação e o entendimento, um denominador comum quando se escreve. É este o papel desempenhado pela chamada língua "cult" ou "literária", que "exerce uma função unificadora e, em grande medida, conservadora dentro do idioma", conforme asseveram Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari. Por isso é que a língua escrita é uma língua codificada, pelas regras da gramática, e até legislada, quanto às regras ortográficas.

Então, se a língua "cult", como denominador comum da linguagem escrita, tem o seu código gramatical, a este devem se ater todos quantos se lançam a uma redação. Isto é curial, mas não é demais repetir, inclusive porque a ênfase

que se dá hoje em dia ao que se chama de comunicação (até em livros escolares de 1.º grau) tende a relegar ao esquecimento o estudo mesmo da "língua portuguesa", outrora a base de todo o aprendizado do idioma.

Ainda no tocante ao meio lexical, caberiam algumas noções sobre o que se entende por silabação, retórica, substantivação, adjetivação, etc., mas isto seria fas-

O porquê dos bestialógicos nas redações estudantis.

tídioso num artigo sumário como este.

O meio fraseológico, também chamado combinatório, diz respeito à própria construção oracional do texto, por meio da utilização correta e combinada das palavras que se inserem no vocabulário geral da língua. Trata-se da "articulação" dos vocábulos na oração, tal como se explana num dos capítulos do livro **Técnica de Redação** (Ao Livro Técnico S/A, Rio, 1978), de Magda Becker Soares e Edson Nascimento Campos. Visto que os vocábulos são elementos linguísticos que se reúnem de acordo com certas normas (as estabelecidas pela língua), devem eles, numa redação, produzir frases e orações, por meio da subordinação ou da coordenação de sentido. Se se disser que a oração é uma frase autossuficiente ("Os alunos chegaram tarde"), fica subentendido que a frase é um enunciado insuficiente para gerar entendimento (esta distinção entre frase e oração, entretanto, não é pacífica entre os autores, alguns opinando pelo inverso). Por outro lado, frases e orações articuladas formam o que se chama **período**, que pode ser simples (uma só oração) ou composto (mais de uma). Pois bem, a boa estruturação do período, tendo em conta a exata **fixação do objetivo**, é indispensável no planejamento do ato de escrever. Porque é por períodos que se escreve, não por orações e frases isoladas. Quando estas não se articulam ou não se coordenam, chega-se por vezes ao bestialógico, como são exemplo tantas redações estudantis. Da mesma forma que se chega também ao bestialógico quando não se tem a perfeita noção das palavras que se empregam.

Discriminam-se várias maneiras de ordenação no

Dez requisitos para a redação:

clareza, concisão,
densidade, simplicidade,
exatidão, precisão,
naturalidade, variedade,
ritmo, brevidade.